

A interpretação de escala de verbos deadjetivais: entre o domínio da semântica e da pragmática

The interpretation of deadjectival verb scales: between the
domains of semantics and pragmatics

*Maria José Foltran **, *Adriano Scandolara ***

**Universidade Federal do Paraná/CNPq, ** Universidade Federal do Paraná*

Resumo: O foco deste trabalho é a noção de escala apresentada a partir de duas diferentes teorias: uma semântica, que a propõe como uma propriedade do item lexical (MCNALLY; KENNEDY, 1999; 2005), e outra pragmática, na qual ela é inferida a partir do contexto (FAUCONNIER 1975). Aplicando-se as noções de McNally e Kennedy (2005) para o Português Brasileiro e isolando-se os verbos deadjetivais, constatamos que, apesar de parecer ser possível classificar esses verbos dentro das categorias propostas pelos autores, essa sistematização é problemática na medida em que os critérios de categorização se confundem entre os propriamente semânticos e os pragmáticos, comprometendo a análise. Através deste estudo, diferenciamos os dois tipos de critérios, explicitando, assim, as limitações de ambas as análises, além de propormos medidas para um modelo mais refinado, que retoma as ideias iniciais de Rappaport (2008).

Palavras-chave: Escala semântica. Escala pragmática. Adjetivos; Verbos deadjetivais.

Abstract: The focus of this paper is the notion of scale as presented by two different theories: one, semantic, which sees it as property of the lexical item (MCNALLY; KENNEDY, 1999; 2005), and another, pragmatic, to which it is inferred from context (FAUCONNIER 1975). By applying McNally and Kennedy's (2005) notions on Brazilian Portuguese and isolating the deadjectival verbs, we've noticed that, though it seems possible at first to classify these verbs through the categories proposed by these authors, such systematization is troublesome as the criteria for categorization are blurred between the properly semantic and the pragmatic, thus compromising the analysis. Through this study, we've differentiated the two types of criteria, stating, likewise, the limitations of both analyses, and we've proposed measures for a more refined model, reassuming Rappaport's (2008) initial ideas.

Keywords: Semantic scale. Pragmatic scale. Adjectives. Deadjectival verbs.

Introdução

É conhecida na literatura a classificação de adjetivos de acordo com os efeitos de significação: de modo intuitivo, é possível dizer que alguns adjetivos têm seu sentido estabelecido independentemente do sentido do nome ao qual se liga, enquanto outros têm seu sentido intimamente ligado ao sentido do nome. Um adjetivo como “grande”, por exemplo, adquire contornos diferentes de acordo com o nome que modifica: um elefante grande ou uma formiga grande. Essa questão ficou conhecida sob diferentes denominações: indeterminação, vagueza, etc¹. Mais do que nomes diferentes, atribuem-se à questão diferentes domínios de tratamento, ou seja, discute-se se isso deveria ser tratado sob o prisma da semântica ou da pragmática.

Segundo Negri (2006), as abordagens linguísticas sobre a significação do início da segunda metade do século XX vão verificar que a significação nas línguas naturais excede o significado semântico lógico. Muitos dos problemas de significação serão postos de lado, pela sua complexidade inerente, ou por absoluta inadequação dos modelos teóricos para tratá-los. Assim, os adjetivos do tipo de grande sofreram diferentes abordagens, ora jogando-os para o campo da pragmática, ora para o campo da semântica. Recentemente, McNally e Kennedy (2005) propõem que esses adjetivos têm uma escala na base de sua significação e procuram capturar essa questão do ponto de vista linguístico por se tratar de uma questão semântica. Ora, ao falarmos de escala, não podemos deixar de citar um trabalho importante em relação a essa noção: Fauconnier (1975), que estuda essa noção justamente sob o prisma da pragmática.

O objetivo deste trabalho é justamente contrapor esses dois estudos e, conseqüentemente, as noções de escala em jogo e tentar estabelecer a natureza dessa noção. De modo amplo, este trabalho tentará responder se a noção de escala pode ser encarada como uma propriedade semântica de itens lexicais. Para tanto, vamos observar a classificação dos verbos deadjetivais e seu comportamento e estabelecer uma comparação com a escala proposta por Bertucci (2007) para o auxiliar “chegar”.

1 Os verbos deadjetivais e a proposta de McNally e Kennedy (2005)

A questão sobre a propriedade escalar das palavras é um ponto de debate muito frutífero, na medida em que essa discussão deixa transparecer os limites entre a semântica e a pragmática e os possíveis argumentos para posicionar a escala sob a jurisdição de ambas as disciplinas.

Em trabalho anterior sobre adjetivos (CECCON; FOLTRAN;

¹ Borges Neto (1991) retoma diferentes classificações desses adjetivos. Assume a designação de Zuber 1973 (apud BORGES NETO, 1991, p. 25), que denomina adjetivos desse tipo de sincategoremáticos, em oposição aos categoremáticos.

SCANDOLARA, 2009), aplicamos a dados do português brasileiro noções derivadas de McNally e Kennedy (2005) sobre as escalas, e interpretamos como sendo uma propriedade semântica que estaria na base de alguns itens lexicais. Escolhemos os verbos deadjetivais como objeto de estudo, justamente pela fato de ter um adjetivo como base. Buscamos investigar, em especial, aqueles verbos derivados de adjetivos cujo significado depende fortemente de contexto, denominados de *degree achievements* (DOWTY, 1979) ou adjetivos escalares (MCNALLY; KENNEDY 2005). Observaremos, seguindo Rappaport (2008), que esses adjetivos dão lugar a verbos de mudança de estado.

McNally e Kennedy (2005) apresentam a seguinte divisão para as escalas: escalas totalmente abertas e totalmente fechadas, escalas abertas para máximo e fechadas para mínimo e escalas fechadas para máximo e abertas para mínimo. A escala poderia ser representada como uma dimensão (altura, peso, custo, etc) marcada por intervalos, sobre a qual o adjetivo se desloca. Assim, para a dimensão de comprimento, e.g., teríamos os adjetivos *short* e *tall*, dispostos em posições diametralmente opostas, o que apontaria para a propriedade de polaridade dessas escalas. Desse modo, uma frase como “A Torre Sears é mais alta que o Empire State se o Empire State for mais baixo que a Torre Sears” constituiria uma tautologia, o que não ocorreria se um dos adjetivos empregados na sentença fosse um adjetivo relacionado a outra dimensão – isso deixaria transparecer a propriedade de incomensurabilidade dimensional das escalas.

Um dos testes de que McNally e Kennedy se valem para determinar o grau de abertura das escalas é o teste dos modificadores proporcionais, como *completely*, *absolutely*, *partially*, *half*: apenas deadjetivais de escala fechada permitiram o uso desses modificadores numa frase. Isso explicaria a boa e má aceitação das sentenças em 1a e 1b:

(1a) The glass is completely full.

(1b) ?? The tower is completely tall.²

A sentença (1a) é aceitável porque na escala de preenchimento (*full x empty*) há tanto um limite mínimo como um máximo. O limite máximo não precisaria representar necessariamente o copo cheio até transbordar, ou até a última molécula do conteúdo atingir o limite de suas bordas, mas, sim, é definido com alguma liberalidade de consentimento entre os falantes, através das noções de Lasersohn (1999) de halo pragmático (*pragmatic halo*). Já a segunda frase causa estranhamento pelo fato de a dimensão do comprimento ser relativa, em oposição ao preenchimento, que é absoluto. Seguindo esse raciocínio, uma árvore pode ser alta, mas um prédio é mais alto e, no entanto, o valor de verdade de se afirmar que uma árvore ou um

² Em português: (1a) O copo está completamente cheio.

(1b) ?? A torre é completamente alta.

Deixamos, porém, os exemplos na língua original do texto que está sendo apresentado, considerando que a tradução poderia desvirtuar ou obscurecer a argumentação.

prédio são altos permanece o mesmo. Nesse sentido, nada pode ser completamente alto, assim como nada pode ser completamente “barato”/“caro”, “úmido”/“seco”, “preciso”/“impreciso”, etc, demonstrando que verbos ligados a esse adjetivos apresentam uma escala totalmente aberta.

Quanto ao caso das escalas mistas – as que têm uma extremidade aberta e outra fechada – elas poderiam ser distinguidas de acordo com qual extremidade aceita ou não um modificador proporcional. Talvez um bom exemplo, embora não esteja incluído nos exemplos dos autores, seja a oposição de uma escala de sonoridade *silent/loud*, em que a parte inferior da escala é limitada, pois uma coisa pode ser *completely silent* na medida em que emite 0 decibéis (som nenhum), enquanto nada pode ser *completely loud*. Na escala oposta (aberta para mínimo, fechada para máxima) podemos citar os exemplos *perfect/imperfect*, sendo a perfeição o ponto máximo a ser obtido (imaginando que a expressão *mais que perfeito* seria uma hipérbole, ou seja, uma figura de linguagem, e, por isso, não prevista pela teoria) e a imperfeição, ilimitada.

A partir dessa base teórica e do princípio de que verbos também podem apresentar uma escala (segundo também MCNALLY; KENNEDY, 2005), ainda mais quando estes verbos são derivados de um adjetivo, nosso trabalho de 2009 foi o de verificar como se dá essa distribuição de categorias escalares para os verbos deadjetivais do PB. Definimos como deadjetivais todos os verbos que possuem, em sua raiz, um adjetivo reconhecível pelo falante nativo, de modo que para definir um objeto afetado por esse verbo, pode-se usar tanto a forma do particípio do verbo quanto seu adjetivo raiz, e.g., o objeto modificado pelo deadjetival “apodrecer” pode ser descrito tanto como “apodrecido” quanto “podre”, mas para um nome qualificado pelo resultado do verbo “mofar” um deverbal, só há “mofado”. Isso nos permitiu limitar e focalizar melhor a pesquisa.

A divisão de escalas apresentada por McNally e Kennedy (2005) pode ser identificada com as escalas *multipoint* de Rappaport (2008) e a elas acrescentamos ainda duas categorias extras: a das escalas *two-point* (também RAPPAPORT, 2008) e não-escalares, compondo, no total, 6 categorias.

O primeiro problema encontrado, e que os autores não enfocam, é que nem sempre uma escala dimensional pode ter uma polaridade que o falante possa reconhecer, seja no adjetivo, seja na forma verbal, que é o que mais nos interessa neste trabalho. Qual é o oposto, por exemplo, de uma cor como “amarelo”? E, assim, qual poderia ser o antônimo de “amarelar” – que não seja algo como “desamarelar” – construção de “amarelar” com o prefixo “des-” que indica somente reversão do evento do verbo? Um estudante de teoria da cor pode dizer que seu oposto seria sua cor complementar, o roxo; no entanto, isso revela um conhecimento muito específico, representando um problema de conhecimento de mundo. Outro exemplo pode ser *completar*: “incompleto” é antônimo de “completo”, mas não existe o verbo **incompletar*”. Por causa desse problema, abandonamos essa propriedade de polaridade e passamos a tratar cada adjetivo, e conseqüentemente o verbo derivado dele, como apresentando uma escala em particular, tendo, de um lado, a

característica descrita pelo adjetivo base “[adj]”, como denominamos) e, do outro, a negação dessa característica “-[adj]”.

Desse modo, chegamos à conclusão de que deadjetivais definiriam uma escala de acordo com o adjetivo contido em sua morfologia e que o evento descrito pelo verbo seria de movimento nessa escala em direção ao extremo “[adj]” a partir de um ponto, a princípio, 0. As categorias de escala totalmente aberta e totalmente fechada foram transpostas para o PB segundo as traduções literais dos exemplos e incluindo palavras de sentido semelhante, mas foi necessário redefinir as escalas mistas pelo problema mencionado acima de assimetria das escalas. Utilizando os mesmos princípios de McNally e Kennedy, testes de modificadores proporcionais foram aplicados em múltiplos candidatos a essas categorias, o que levou à constatação reveladora de que todos os deadjetivais que não pertenciam às outras categorias aceitavam prontamente os modificadores “absolutamente” e “completamente”, mas por vezes geravam problemas com “meio” ou “parcialmente”. Vale observar que McNally e Kennedy consideram as escalas um fator semântico justamente porque a propriedade se mostra sensível ao emprego desses modificadores. Assim, postulou-se que verbos como “amarelar” eram de escala aberta para máximo e fechada para mínimo, porque permitiam a possibilidade de “meio amarelo” tanto quanto “completamente amarelo”, ao passo que verbos como “apodrecer” eram de escala fechada para mínimo e aberta para máximo, pois apesar de permitirem “completamente podre”, construções como “meio podre” causavam estranheza – ou seja, o objeto precisa estar numa posição 0 para ser considerado -[adj], ou não podre. Consideramos esse caso uma escala aberta para máximo pois, uma vez considerado “podre”, o objeto afetado por “apodrecer” poderia continuar sofrendo o evento indefinidamente, tornando-se sempre mais podre, ao passo que para o amarelamento o limite seria atingir a cor amarela.

Como resultado, obtivemos um sistema de classificação que permitiu categorizar todos os deadjetivais que elencamos dentre os seis tipos de escala. Apesar de, a princípio, parecer sólido, ele incitou muitas questões problemáticas desde então. McNally e Kennedy, apesar de abordarem a questão pelo ponto de vista da semântica, considerando a escala como uma propriedade do item lexical e observando-a pela verificação lógica de valores de verdade, ao assumirem valores dimensionais como base para as escalas, dão margem à infiltração da pragmática pela questão de conhecimento de mundo, uma vez que essas dimensões e o entendimento que se tem delas são afetados pelo contexto. Isso fica claro com exemplos como a escala de calor: “quente”/“frio” são antônimos, mas não há limite para “quente” ao passo que a física há tempos reconhece como mínimo 0K ou -273.15 °C, o que é um fato de conhecimento teórico ou conhecimento de mundo. Que limite considerar? O limite do falante? O limite da ciência? Isso comprometeria a possibilidade de ela ser lexical. Com as escalas relacionadas a cor o problema é semelhante, já que há diferentes percepções para o que um falante pode chamar de “amarelo”, enquanto o valor máximo dessa escala, seguindo a mesma lógica da escala de calor, seria a faixa exata de comprimento de onda correspondente ao “amarelo”, também inacessível ao falante sem acesso a esse tipo de conhecimento.

O uso corrente da língua também aponta para um problema que essa perspectiva teórica não é capaz de dar conta. O teste para se determinar o que é absoluto e o que é relativo parece não funcionar, em especial; fato esse que pode ser confirmado com uma simples consulta em um programa de busca, que retorna múltiplos resultados para “completamente alto”, “completamente quente”, “completamente barato”, etc, produzidos em situação espontânea (não de fala, mas de uma escrita muitas vezes marcada por um tom de oralidade) por falantes nativos. O sentido que esse tipo de construção apresenta é, no entanto, menos um sentido de ponto máximo de uma escala, como desejaria a leitura logicista de McNally e Kennedy, e mais um sentido de intensificação, de certa forma análogo ao do superlativo em PB. Ao contrário do que ocorre no inglês, o superlativo morfológicamente marcado pelo sufixo “-íssimo(a)” do PB aponta para uma intensificação do adjetivo e não para um sentido de “o que pode ser visto como no ponto mais elevado da escala do adjetivo”, como faz o sufixo *-est* no inglês, com alguns adjetivos (e.g.: *best*, *greatest*), ou mesmo o *-issimus* do latim, de onde o PB herdou a sua sufixação. Para expressar o mesmo sentido só podemos unicamente recorrer à locução “o mais [adj].”, do mesmo modo como um falante de inglês recorre a “*the most* [adj]” para alguns adjetivos. Talvez essa propriedade dos adjetivos tenha alguma relação com o seu comportamento diante dos modificadores.

O mesmo vale para testes com “meio” (*half*): “meio alto”, “meio gordo”, “meio caro”, “meio longe” são expressões comuns e de uso diário e cujo sentido aponta menos para uma definição quase exata de um meio, como em “meio cheio” ou “meio vazio” e mais para algo que o falante vê como tendo características que remetem ao adjetivo, mas não com intensidade o suficiente para defini-lo como qualificado por esse adjetivo. Frases como as que aparecem em (2) podem apresentar o mesmo valor de verdade, pois alguma vagueza ainda é permitida pelo adjetivo; a diferença reside no que a construção nos informa do próprio falante e seu ponto de vista, i.e. quais são os padrões desse falante para definir o que é “alto”.

(2a) João é alto.

(2b) João é meio alto.

(2c) João é completamente alto.

Do mesmo modo, as sentenças em (3) podem todas ser utilizadas para descrever uma mesma banana e um mesmo objeto pode ser descrito como “amarelo”, “amarelado”, “meio amarelo” ou “completamente amarelo”.

(3a) A banana está podre.

(3b) A banana está meio podre.

(3c) A banana está completamente podre.

Até mesmo o *pragmatic halo* de uma escala considerada fechada como a do adjetivo “cheio” pode ser estendido. Um copo de café a $\frac{3}{4}$ de sua capacidade máxima pode ser considerado cheio pelo atendente de uma lanchonete ou só meio cheio pelo cliente. Mesmo para uma escala cujo ponto mínimo se define por um valor matemático exato como “frio”, um falante afirmar que está completamente frio, uma expressão perfeitamente possível, não significa que a temperatura seja, de fato, – 273.15 °C, e tampouco essa frase seria falsa se a temperatura atual fosse diferente desse número. Por fim, observamos como esse teste para rotulação de adjetivos como absolutos ou relativos se revela como sendo mais eficientemente empregado para determinar escalas pragmáticas do que lexicais, tendo sua definição baseada em questões ontológicas ou de perspectiva.

2 A escala pragmática de Fauconnier (1975)

Fauconnier (1975) aponta para questões acerca do comportamento da escala no uso dos superlativos como uma propriedade presente no discurso, como recurso que confere maior informatividade, como nos exemplos (4).

(4a) The *faintest* noise bothers my uncle.

‘O menor/mais baixo ruído incomoda meu tio.

(4b) He did not hear the faintest noise.

‘Ele não ouviu o menor/mais baixo ruído.

Para um falante normal, o significado dessas sentenças não se limita ao sentido literal de que o tio se incomoda (só) com o barulho mais fraco. Ao marcar esse ponto, o mais baixo possível na escala, ele também inclui todo o resto da escala até esse ponto, indicando que qualquer barulho mais alto que o barulho mais fraco também o incomoda. Isso se relaciona com aquilo que Grice (apud LEVINSON, 1987) define como a diferença entre as implicaturas convencional e conversacional. Enquanto as implicaturas conversacionais derivam das máximas de conversação (Grice), as convencionais são semânticas e, portanto, não são canceláveis³. Ao primeiro significado, que pode ser obtido pela simples adição do sentido individual dos itens da sentença, corresponde a implicatura convencional.

Ao significado que pode ser obtido pela simples adição do sentido individual dos itens da sentença corresponde a implicatura convencional, e, por isso, como podemos observar, esse sentido não é modificado se lhe acrescentarmos uma outra informação:

³ Para Chierchia (2003, p. 249), as implicaturas convencionais são fenômenos pressupicionais.

(5) The *faintest* noise bothers my uncle, but not the *loudest*.

‘O menor/mais baixo ruído incomoda meu tio, mas não o mais alto.

O barulho mais alto não incomoda o tio porque o que o incomoda é (apenas) o barulho mais fraco, pontualmente. Já o outro sentido, que pressupõe que todos os barulhos até o mais fraco incomodam o tio, corresponderia à implicatura conversacional, e esse acréscimo de informação o modifica, de modo que i) ou se mantém a leitura que abrange toda a escala até *faintest*, mas limitada, abrindo-se uma exceção para o ponto máximo, *loudest*, ou ii) abandona-se essa leitura completamente a favor da leitura de implicatura convencional. Podemos encontrar nesses dois tipos de implicaturas também uma distinção entre semântica, para a convencional, e pragmática, para a conversacional. A estrutura e conteúdo lexical de *bother* apontam para uma forma verbal no presente de uma 3ª pessoa do singular e para uma estrutura argumental que pede dois argumentos (algo ou alguém que incomoda e alguém que é incomodado), que são preenchidos sintaticamente, por *the faintest noise* e *my uncle*, respectivamente. O único elemento que explicita uma escala, marcando o ponto mais baixo para *faint*, qualificador de *noise*, é o morfema – *est*, e que, semanticamente, limita essa posição na escala para somente esse ponto mais baixo. O que presume a existência de uma dualidade entre *faint* e *loud* e uma capacidade de *faintest* de cobrir toda a escala até esse ponto é a pragmática, operando num nível superior de pressuposições.

A noção de escala de Fauconnier é redimensionada em Ducrot (1981), passando da esfera informativa para a argumentativa. Essas noções são usadas por Bertucci (2007) para explicar o efeito do auxiliar “chegar” em construções como as que aparecem em (6).

(6) O Banco do Brasil chegou a ter R\$ 50 milhões no Banco Santos.

Segundo Bertucci, esse é um exemplo típico de escala. “Chegar” marca um ponto que, pelo contexto, pode ser considerado alto na escala de possuir dinheiro depositado em algum lugar. Em outras palavras, o auxiliar “chegar” aponta para o elemento mais informativo da sentença, para o argumento mais forte. O autor afirma ainda que “chegar” faz parte de uma certa organização pragmática, em que o termo mais argumentativo, mais informativo vem sempre no final de uma sequência.

3 Contrapondo as noções de escala

Fauconnier assume já uma escala que é naturalmente pragmática, enquanto Rappaport (2008) trabalha com as propriedades da escala codificadas lexicalmente. E nesse sentido, ela afirma que a distinção entre escalas *two-point* e *multipoint* é mais relevante do que entre escalas abertas ou fechadas, diferentemente de McNally e

Kennedy, que tratam justamente dessa outra distinção. Como discernir os limites de atuação entre os dois elementos? Já vimos um pouco da extensão do domínio da pragmática, mas qual seria a atuação da semântica?

Para responder essa questão, recorremos a uma categorização básica da sintaxe e da semântica, que é a de classe de palavras. McNally e Kennedy (2005) chegam a sugerir que, além de adjetivos, verbos, nomes e até mesmo preposições podem ter escalas. Vejamos como isso funciona, pelo menos entre as três primeiras classes.

(7a) José é forte.

(7b) José é muito forte.

(7c) José é mais forte que João.

(7d) Nem José, nem João são fortes, mas José é mais forte que João.

Adjetivos têm a propriedade de escala, mas essa propriedade parece não se revelar quando eles estão sozinhos numa construção. Não há uma escala identificável em (7a). Porém, em (7b), há a informação de que há um grau que o falante reconhece o objeto qualificado como sendo forte e que José não somente atinge esse grau, como o ultrapassa. Em (7c), há um ponto na escala onde se localiza João e outro onde se localiza José, e que o ponto de José se localiza numa parte mais elevada da escala, mais próxima do “forte” do que do “-forte”, diferentemente de João. Em (7d), há ainda um terceiro ponto, que marca o grau em que o falante reconhece como forte e que se localiza acima das posições de João e José. Podemos concluir, então, que para a existência de uma escala, precisa-se de pelo menos dois pontos, duas posições, para se marcar. Em (7b e c) há duas posições e em (7d), três, enquanto em (7a) temos só a informação de que José está num grau que o falante reconhece como forte, mas não havendo distância entre as duas posições (José e o ponto de referência para forte), que formam um ponto só, não há escala, ou pelo menos ela não é projetada, uma vez que não há ponto de referência para comparação. Isso aponta para três questões: i) assume-se então que todos os adjetivos são potencialmente escalares, mas nem sempre realizam essa escala; ii) para os adjetivos realizarem a escala, eles precisam recorrer a outros constituintes da sentença, frequentemente na posição sintática de um (“pré”/“pós-”) determinante; iii) os adjetivos selecionam os determinantes possíveis.

Dentre as classes visadas aqui, os adjetivos são os mais permissivos, como podemos observar nas sentenças a seguir, além das já tratadas acima:

(8a) José é meio forte.

(8b) José é quase forte.

(8c) José é bem forte/fortão.

(8d) José é (um) pouco forte/fortinho.

(8e) José é forte demais.

(8f) José é totalmente/parcialmente/completamente forte.

Os determinantes⁴ “muito”, “meio”, “mais” (...que), “quase”, “bem” (e/ou aumentativo), “pouco” (e/ou diminutivo), “demais” e os modificadores proporcionais, todos são possibilidades para os adjetivos acionarem escala e marcam não só posições diferentes, mas relações de posição diferentes na escala. O mesmo não acontece com nomes e a maioria dos verbos, que aceitam uma variedade muito menor de determinantes.

Por outro lado, nomes, em geral, aceitam com facilidade apenas o “quase”:

(9a) Esta é uma quase cadeira.

(9b) Esta é quase uma cadeira.

(9c) A quase cadeira caiu.

Imaginando uma situação em que um falante se refere a uma cadeira incompleta (com 3 pernas só, por exemplo), as expressões são válidas, assim como também são possíveis construções com aumentativo e diminutivo, com a ressalva de que se referem ao tamanho da cadeira – o que não deixa de ser uma forma de gradação, embora muito peculiar, distinta de escala, pelo menos como a entendemos aqui. O “meio” e “muito” funcionam, mas, diferentemente do que acontece com os adjetivos, precisam de concordância:

(10a) Esta é uma meia (*meio) cadeira.

(10b) *Esta é uma muito cadeira.

(10c) Tem muita(s) cadeira(s) no armazém.

(10d) *Tem muito cadeiras no armazém.

(10e) *Maria é muita pequena.

No mesmo sentido do “quase”, o “meio” se refere a algo que não é uma cadeira por inteiro, enquanto o “muito” não traz tanto o sentido da integridade do objeto quanto o de uma quantidade desse objeto, seja ele contável ou incontável – a diferença reside na possibilidade ou não do emprego do plural. E, como vemos com (10d) e (10e), nomes precisam da concordância, enquanto adjetivos precisam do

⁴ Estamos assumindo aqui que essas palavras são determinantes. Não vamos, no entanto, discutir essa questão.

“muito” fixo. Essa distinção nos é útil inclusive para discernir quando um nome está se comportando semanticamente como um nome e quando ele se comporta como um adjetivo:

(11a) José é muito brasileiro.

(11b) José é mais brasileiro que João.

(11c) Maria é muito brasileira.

(11d) ?? Maria é muito cadeira.

(11e) *Maria é muita cadeira.

Como vemos com a possibilidade do “mais” e do “muito” sem concordância, nesses exemplos, “brasileiro” está se comportando menos como um nome do que como um adjetivo, uma vez que se refere a uma nacionalidade e às características gerais que concernem essa nacionalidade – e o mesmo pode acontecer com nomes de ocupações (“João é muito poeta”), gênero (“João é muito homem”), etc. O estranhamento causado em (11d) deriva da tentativa de se empregar “cadeira” como um adjetivo, o que é possível ainda dentro de um determinado contexto, ainda que essa possibilidade não seja tão óbvia, por se tratar de um nome para um objeto físico. Já o exemplo (11e) não faz sentido algum.

O caso dos verbos é delicado, pela diferença de propriedades semânticas entre várias categorias de verbos. Verbos atélicos, por exemplo, como a atividade “correr”, aceitam “muito”, “quase”, “mais” (... que) e “demais” e apontam para uma escala que mede a intensidade ou a frequência com que o evento se realiza. Por exemplo, podemos nos referir a alguém que trabalhe por muitas horas por dia ou que tem um emprego muito estressante como alguém que trabalha muito ou trabalha demais. Algumas variantes do PB, permitem até diminutivos (“João foi correndinho”, “João estava trabalhandinho”), mas não parece ser a regra. Quando temos um verbo télico, no entanto, como o *achievement* “chegar”, a situação é diferente e só o “quase” é aceitável; até mesmo telicizar um verbo tipicamente atélico faz com que os determinantes sejam lidos de modo diferente:

(12a) João correu até o centro da cidade

(12b) João correu muito até o centro da cidade.

(12c) João correu demais até o centro da cidade.

(12d) João quase correu até o centro da cidade. / João correu quase até o centro da cidade.

(12e) João correu até o centro da cidade mais que José.

O exemplo (12a) mostra o verbo “correr” com um sintagma de medida, que limita o evento descrito para terminar ao atingir o ponto máximo (o centro da cidade). O significado de (12b) e (12c) são estranhos e ambíguos e imagina-se que ou João correu com tanta intensidade até o centro que acabou se fatigando ou que João correu várias vezes até o centro. Em (12d) há a possibilidade de se deslocar o “quase”, com mudança de sentido: na primeira sentença, a inferência é a de que João “não” correu até o centro, enquanto na segunda, o centro é tomado como referência para apontar até onde João foi. Em (12e), o sentido é iterativo e se refere à frequência com que João e José teriam o hábito de correr até o centro da cidade.

Com os deadjetivais, no entanto, havendo telicidade ou não no VP, todas as opções para verbos são possíveis, como também é possível o emprego de modificadores proporcionais:

(13a) A fruta apodreceu bem/muito/demais.

(13b) A fruta apodreceu parcialmente/completamente.

(13c) *João correu completamente.

Os deadjetivais, no entanto, apontam também para outra característica curiosa, que é a sua semelhança, no que diz respeito à escala, com deverbais de mudança de estado, como “mofar” ou “morrer”:

(14a) A fruta apodreceu completamente = Fruta completamente podre/apodrecida.

(14b) O homem morreu completamente = Homem completamente morto.

(14c) O pão mofou completamente = Pão completamente mofado.

(14d) *O homem chegou completamente = *Homem completamente chego/chegado.

(14e) *O homem correu completamente = *Homem completamente corrido.

O fato de que todos os exemplos de (14) aceitam o modificador proporcional nos mostra que essa não é uma característica única dos deadjetivais, mas sim uma propriedade compartilhada entre os verbos de mudança de estado. A diferença principal, então, entre os deadjetivais e os deverbais de mudança de estado reside apenas nas possibilidades de caracterização do objeto afetado pelo evento do verbo. Para “apodrecer” temos tanto o adjetivo “podre” quanto o particípio do verbo “apodrecido”. Para o dúbio “morrer”, temos somente o adjetivo “morto”, e, para “mofar”, o particípio “mofado”. Se há alguma diferença facilmente perceptível entre ser caracterizado pelo adjetivo ou pelo verbo no particípio, ela parece residir no modo como o particípio indica uma noção de passagem de tempo: um NP como “a fruta apodrecida” explicita o processo de “apodrecimento” pelo qual a fruta passou, que pode não estar tão óbvio em “a fruta podre”. Quanto à natureza da escala que essa classe projeta, ela não denota somente a intensidade/frequência de um evento

como os outros verbos, mas também o avanço de um estado que acompanha essa intensidade/frequência. Na sentença “a fruta apodreceu muito” podemos ter tanto uma fruta que apodreceu muito rápido, em pouco tempo, ou uma fruta que foi apodrecendo gradualmente ao longo de um grande espaço de tempo, mas o que se aponta é que, de qualquer forma, ela atingiu um grau elevado do estágio de apodrecimento.

Mas a mudança de estado que apontamos aqui não parece ser uma mudança de estado puramente física. O que importa para essa escala, e para as consequências estruturais da sentença que ela regula, não é tanto se essa mudança de estado é física, psicológica ou de deslocamento: é relevante apenas que seja uma mudança de estado qualificável. “Apavorar”, por exemplo, por ser psicológico, pode não ser um verbo de mudança de estado para outra perspectiva teórica que considere somente como mudança de estado, mudanças físicas, porém, no contexto da estrutura escalar, é perfeitamente válido uma vez que podemos descrever quem sofre o evento de “apavorar” como estando “apavorado”, o que não ocorre com “correr”, “trabalhar”, “chegar”. O mesmo vale para “aproximar”, para o qual o objeto do evento pode ser descrito como sendo/estando “próximo” ou “aproximado” (uma vez que o deadjetival permite ambas as possibilidades, como vimos acima), mas, sob aquela outra ótica, não seria um verbo de mudança de estado. É essa propriedade de mudança de um estado semanticamente qualificável que permite que aproximemos os deadjetivais de certos verbos não-deadjetivais, como “mofar”.

E todas essas características são semânticas, especialmente de estrutura semântica (em contraste com conteúdo semântico) em vez de pragmáticas, ou ontológicas. A impossibilidade da expressão “bem destruição”, por exemplo, não decorre de uma impossibilidade ontológica de um evento de destruição poder ou não se intensificar, mas sim do fato de que, “destruição”, sendo um nome, não aceita o modificador *bem*, adequado para adjetivos: “bem bonito”, “bem grande”, “bem caro”. E esse mesmo modificador também é inaceitável com verbos (“Ele bem corre”) e, se inserido numa posição sintática depois de um verbo, perde sua característica de modificador e se comporta como um advérbio (“Ele trabalha bem”). Podemos tomar essas propriedades (a de poder ocorrer com um modificador como “bem”, por exemplo), então, como evidência a favor da existência de uma escala lexical. Tendo isso em vista, discordamos de McNally e Kennedy quando afirmam que os tipos de escalas são de natureza semântica porque são sensíveis aos modificadores. Podemos contatar, sim, essa sensibilidade, mas ela está relacionada a outras propriedades, como demonstramos acima.

Mas como conciliar, então, essa escala lexical, com a escala pragmática de Fauconnier? Para isso, podemos pensar num modelo consistindo de duas escalas coexistentes: uma lexical, no nível do sentido, lógica e operando dentro das noções de implicatura convencional e limitando gramaticalmente as possibilidades de construção dessa sentença; e outra, situada num nível superior, cujo sentido se constrói, pragmaticamente, a partir do discurso como um todo, operando pelas noções de implicatura conversacional. Ao que tudo indica, uma antecede a outra, havendo primeiro a escala lexical, que então cria ou opera sobre uma escala pragmática. A escala como dimensão, então, como teorizaram McNally e Kennedy,

seria uma propriedade dessa escala pragmática, assim como é nela que encontramos as noções de sinônimos e antônimos. Para a escala lexical de “podre”, por exemplo, não haveria, então, uma oposição entre “podre” e “fresco”, mas sim entre os pólos de “podre” e “não podre”. Só quando essa relação é transposta para a escala pragmática que passa a haver uma noção de escala de uma dimensão de “frescor”–“podridão”, com um lado havendo um pólo para “podre” e seus sinônimos (putrefato, mofado, deteriorado, “pútrido”, “rançoso”, etc) e no outro, “fresco” e seus sinônimos (“viçoso”, “saudável”, “novo”, “agradável”, “bom”, etc), construídos conforme o contexto e o acordo negociado pelos falantes. Do mesmo modo, a abertura ou fechamento de qualquer extremo da escala depende também desse acordo e a possibilidade ou não de um limite máximo ou mínimo de uma dimensão pode ser uma questão de debate ontológico entre falantes.

Por vezes, a escala pragmática pode até mesmo alterar a estrutura da escala lexical e neutralizar até mesmo a diferença mais relevante a que aponta Rappaport, que é a de número de pontos. Adjetivos de escala do tipo *two-point* se comportam, tipicamente, do modo como descrito por Bertinetto e Dini (1995): quando se afirma, no durativo, que *vovô está morrendo*, refere-se não a uma mudança gradual na escala, ao longo do tempo, no sentido de ficar “menos vivo”, mas sim a um momento eminencial, antecipando o estado de morto. Isso fica claro quando contrastamos com outros verbos, de escala *multipoint*, como, novamente, “apodrecer”. Dizer que “a fruta apodreceu por 3 dias” significa que durante esses três dias a fruta sofreu o processo de movimento na escala em direção a “podre”; já a afirmação de que “João morreu por 2 horas” é estranha porque aponta para outro sentido: não de que João passou pelo evento de morrer durante esse tempo, mas de que o efeito do morrer foi revertido após esse período e ele voltou à vida. Esse tipo de escala pressupõe uma polaridade sem intermédio entre um ponto e outro, que, contudo, pode ser neutralizada pelo discurso, especialmente o do sentido figurado. É por essa lógica que podemos afirmar que “João morreu um pouco” (quando ficou sabendo da notícia), onde o uso metafórico de “morrer” faz com que a escala pragmática projetada, em vez de herdar a característica de ser uma escala *two-point*, como é a sua escala lexical, se torne uma escala *multipoint*.

Conclusão

Este trabalho contrapõe duas noções de escala: uma semântica, sistematizada a partir dos trabalhos de Kennedy e McNally (1999, 2005) e outra pragmática, no sentido defendido por Fauconnier (1975). Usamos dados do português brasileiro para fazer a testagem empírica, em especial os adjetivos e os verbos deadjetivais. A partir dessa análise, encaminhamos as seguintes conclusões: i) existem escalas que podem ser caracterizadas como estritamente lexicais e, portanto, semânticas; ii) os adjetivos e os verbos deadjetivais são categorias privilegiadas para projetar escalas desse tipo, mesmo que precisem de determinantes/modificadores para acioná-las; iii) os tipos de escala definidos por Kennedy E McNally (aberta, fechada, etc) pertencem ao campo da pragmática; iv) a escolha dos modificadores não é determinada pelo tipo de

escala, mas por outras propriedades como ser adjetivo, ser nome, dentre outras; v) há escalas eminentemente pragmáticas, como algumas descritas por Fauconnier; vi) diferentemente das escalas pragmáticas, as escalas semânticas estão ligadas à mudança de estado.

Por tudo o que vimos acima, esse é mais um tópico que fica na interface da semântica e da pragmática e como tal os mecanismos de análises são escorregadios e não raramente vagos.

Referências

- BERTINETTO, Pier-Marco; DINI, Luca. 1995. Punctual Verbs and the Linguistic Ontology of Events. *Quaderni del Laboratorio di Linguistica*, Pisa, 9, p. 123-60, 1995.
- BERTUCCI, Roberlei Alves. *A Auxiliabilidade do Verbo Chegar em Português Brasileiro*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- BORGES, NETO, José. *Adjetivos: predicados extensionais e predicados intensionais*. Campinas: Editora da Unicamp, 1991.
- CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- LASERSOHN, Peter. Pragmatic Halos. *Language*, v. 75, n. 3, p. 522-551, 1999.
- LEVINSON, Stephen C. *Pragmatics*. London: Cambridge, 1987.
- FAUCONNIER, Gilles. Pragmatic Scales and Logical Structure. *Linguistic Inquiry*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, v. 6, n. 3, p. 353-375, jun./set. 1975.
- CECCON, Amanda; FOLTRAN, Maria José; SCANDOLARA, Adriano. (2009). Os Diferentes Tipos de Escala que estão na Base dos Verbos Deadjetivais. In: Apresentação oral no 57º Seminário do GEL, Ribeirão Preto – SP.
- MCNALLY, Louise; KENNEDY, Christopher. Deriving the Scalar Structure of Deverbal Adjectives. *Catalan Working Papers in Linguistics*, v. 7, p. 125-139, 1999.
- _____. From Event Structure to Scale Structure: Degree Modification in Deverbal Adjectives. In: MATHEWS, T.; STROLOVICH, D. (Eds.), *SALT IX*. Ithaca: CLC Publications, 1999.
- _____. Scale Structure, Degree Modification, and the Semantics of Gradable Predicates. *Language*, v. 81, p. 345-381, 2005.
- NEGRI, Lígia. *Zona de Fronteira: a delimitação entre a semântica e a pragmática sob a lente das expressões de polaridade negativa*. 2006. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

RAPPAPORT, Malka. Lexicalized meaning and the internal temporal structure of event. In: ROTHSTEIN, S. (org.). In: *Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect*. Amsterdam: John Benjamins, 2008.

Recebido em 7 de julho de 2011.

Aceito em 6 de dezembro de 2011.

MARIA JOSÉ FOLTRAN

Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Associado na Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: mfoltran@ufpr.br.

ADRIANO SCANDOLARA

Mestrando em Linguística pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: adrianoscandolara@gmail.com.